

CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA

Uma eclesiologia anglicana

Dom Sumio Takatsu

Introdução

A eclesiologia é a compreensão que a Igreja tem de si mesma, de sua existência e missão, à luz das Escrituras e de outras fontes como os Credos. Em se tratando do anglicanismo, sua autocompreensão não pode passar por cima da Reforma do século XVI nem de sua continuidade com a Igreja da antigüidade, vista sob a ótica do conhecimento disponível nos séculos XVI e XVII. “Desde o seu começo, o anglicanismo tem sido formado na forja da controvérsia eclesiológica”.¹ De fato, o primeiro Sínodo da Igreja da Inglaterra em Whitby (664) foi uma controvérsia em torno da data da Páscoa entre a Igreja celta e romana representada por Agostinho, enviado pelo bispo de Roma, Gregório Magno. Muito mais tarde, no século XIV, John Wycliff e seus seguidores desafiaram o conceito do domínio que cada pessoa e ofício têm recebido do seu superior imediato. É uma cadeia de domínio mediado hierarquicamente. No topo estão dois “reinos”, o temporal e o espiritual. Na época, esses dois reinos estavam centralizados no papado. Com base na divulgação dos estudos da Bíblia, Wycliff e Lolardos desafiaram esse sistema, propondo a primazia da graça de Deus e repudiaram o papado. Pode-se dizer que foi um movimento profético sustentado pela erudição acadêmica e bíblica da época,² pois Wycliff era professor universitário. Após a Reforma, a eclesiologia anglicana não deixou a bigorna da controvérsia. Mais recentemente a ordenação feminina e a sexualidade humana têm envolvido os anglicanos em questões sobre as quais há muitas divergências. É possível dizer que a forja ainda está quente, principalmente, no que se refere à sexualidade.

A eclesiologia anglicana está em processo e como tal, embora não seja possível ainda tirar um consenso sobre sua constituição, a mesma tem-se mostrado capaz de sustentar sua credibilidade por meio do compromisso das Igrejas da Comunhão Anglicana com sua própria história e com a sua disposição de enfrentar as questões teológicas que essa história lhes provoca. Se não há muita convergência em nível teórico, existe, pelo menos entendimento maior em nível de comunhão com o reconhecimento franco de que compartilhamos uma comunhão real, embora enfraquecida - o que foi dito por volta de 1988. Então, é pertinente observar que nem sempre a popularidade, a credibilidade, uniformidade e a unidade andam de mãos dadas. Isso faz parte da Igreja peregrina que vive com esperança escatológica. Neste tempo da Igreja, no que

¹ Thomas, Philip H.E. The Doctrine of the Church IN: Sykes, S. and Booty, John (editors) The Study of Anglicanism p 220

² Ver MOORMAN, John R.H. A History of the Church of England, pp.218ss; BETTENSONH. Os documentos da Igreja Cristã. Consta que Lutero reconheceu sua dívida para com Wycliff, ver Microsoft Encarta 95.

se refere às Igrejas da Comunhão Anglicana, é preciso que haja conhecimento mútuo entre elas. Mais recentemente, a Igreja da Nigéria veio a reconhecer a autenticidade da ECUSA mais de perto, não com os olhos da “caricatura”, mas do encontro. Neste caso, há comunhão real, embora sejam diferentes e discordantes em alguns pontos como a sexualidade. Aliás, o companheirismo existe para fortalecer os “laços de afeição” por meio de convívio entre as Províncias e dioceses e não por meios legais. É claro que existe um arcabouço institucional criado para facilitar esse fortalecimento. Isso faz parte da forja que tempera o aço, a resistência da peregrinação.

Eclesiologia e autoconhecimento anglicano

O autoconhecimento é uma coisa complexa, dinâmica e plural, em se tratando de uma comunidade como é a Igreja. No caso anglicano, para cada modelo ou paradigma com que se interpreta a sua comunidade, encontra-se outro modelo ou outros paradigmas com variações complexas e até divergentes. No decorrer de meio século, aquelas descrições ou identificações tradicionais como Alta-Igreja (High Church - alta concepção da Igreja, ritualista), Anglo-catolicismo e Low Church (a concepção que ressalta mais a soteriologia, minimalista em rituais e sacramentos) e Liberal (Broad Church) passaram por alterações e tomaram novas configurações. De modo genérico, cada Igreja pode encontrar dentro de si as variações de modelo de Igreja e pode buscar sua legitimação nas Escrituras.

Eclesiologia e busca de Identidade Anglicana

O interesse pelo autoconhecimento das Igrejas é uma preocupação pela identidade. Afinal, quem somos? Isso não é uma novidade. Esse foi um dos problemas enfrentados pelas primeiras comunidades cristãs e elas encontraram respostas para o seu tempo. Essa foi, também, a experiência do povo bíblico. No início do século XX, as missões além-mar (do ponto de vista das Igrejas de origem), a crise mundial, os diálogos ecumênicos e a cooperação entre as agências missionárias levantaram as questões de identidade para as Igrejas cristãs. Konrad Raiser, em seu livro, *Ecumenismo em transição*, referiu-se às mudanças de paradigmas na compreensão do movimento ecumênico, analisou os modelos e sugeriu que vivemos numa era de transição de um paradigma cristocêntrico para o trinitário. As Igrejas da Comunhão Anglicana têm buscado sua identidade em diferentes circunstâncias sem descuidar da equivalência e adaptação. Um exemplo disso é o quarto item do Quadrilátero de Chicago-Lambeth, o Episcopado histórico adaptado às condições locais.” No reconhecimento do Ministério Ordenado presbiteralmente da Igreja Luterana nos Estados Unidos pela ECUSA, por ocasião da celebração da Plena Comunhão mostrou-se a equivalência dos argumentos dos líderes da Igreja da Inglaterra antes de 1662, inclusive Richard Hooker.

Busca da Identidade, estabilidade, mudança, adaptação e continuidade

É preciso dizer, de início, que a Igreja real e não ideal é santa e pecadora, simultaneamente, e imperfeita e que ela vive da promessa de que as forças malignas não prevalecerão contra ela. Além disso, em se tratando da concepção anglicana exposta nos Trinta e Nove Artigos da Religião, a Igreja não é infalível.

Conforme o artigo XIX, a Igreja pode errar na fé como a Igreja de Jerusalém, de Alexandria e Antioquia e Roma. S.Sykes insiste que, embora o artigo esteja vazado numa linguagem polêmica do século XVI, a sua intenção foi a de dizer que a Igreja pode errar, inclusive a Igreja da Inglaterra.³

Paul Avis, em seu livro, *o Anglicanismo e a Igreja Cristã*, observa que o autoconhecimento de uma comunidade eclesial traz no bojo as questões da **estabilidade e mudança, equivalência e desenvolvimento, continuidade e adaptação**. Por exemplo, se há estruturas, até que ponto elas permitem mudança ou não? Se há evolução da comunidade, existe equivalência entre um momento e outro? Isso se refere aos ofícios ou ministérios e às expressões de fé e adoração. É claro que nenhuma Igreja pode viver sem certa estabilidade, por exemplo, da liderança, fé e liturgia. Se cada domingo é preciso submeter a uma assembléia sobre quem vai fazer o quê, que oração fazer, que parte da Bíblia ler, a comunidade ficaria caótica. Na verdade, não existe nenhuma Igreja nesse molde amorfo. Por outro lado, vivendo no mundo, é preciso passar por adaptações às novas circunstâncias e a adaptação não pode fugir à questão da continuidade, e, do mesmo modo, a renovação. Isso foi enfrentado por Moisés, pelo êxodo e exílio, por todo o Novo Testamento. Basta ler 1Pedro 1.17 e 2.11 para saber que a "*paroikia*" é uma comunidade de peregrinos e forasteiros que enfrentam o problema da adaptação ao mudo em que vivem.

Um exemplo prático da continuidade é a renovação de um terço da junta paroquial. Vendo de uma perspectiva, trata-se de continuidade que contempla a renovação e, de outra, a renovação que contempla a continuidade. A Igreja peregrina na sua forma anglicana entende ser uma das formas institucionais humana e historicamente condicionadas, assumidas pela ação salvadora de Deus por meio do ministério da Palavra e do Sacramento, do cuidado pastoral e que responde humanamente humana a essa ação de Deus em fé e discipulado.⁴ Em outras palavras, a forma institucional da Igreja não "desceu" do céu, mas desenvolveu-se no decorrer de sua história em interação com o mundo e sua cultura e isso não está imune à ambigüidade. Nem por isso deixamos de crer na vocação divina da Igreja. Ela é um sinal do Reino de Deus e de Cristo, mas não é Cristo nem o Reino de Deus. O Espírito Santo na Igreja que lê, estuda as Escrituras, proclama o Evangelho, adora o Deus Trino e está em missão, aponta para nós o horizonte do reinado de Deus e nos torna uma comunidade, que continuamente suplica para que o Espírito Santo a oriente; uma comunidade que invoca: "venha o teu Reino", neste tempo em que vivemos a tensão do "já" e "ainda não". Em outras palavras, a Igreja que vive na história, experimenta, na sua vida e missão, essas questões de estabilidade, flexibilidade, continuidade e adaptação.

Ambigüidade na busca pela identidade eclesial

O interesse pela identidade é ambíguo. À medida que uma Igreja se vê num cenário religioso pluralista e competitivo, e se sente desafiada em sua autocompreensão, ela enfrenta a tentação de se fechar em si mesma ou de se adaptar à nova situação sem critério e com pouco discernimento. Também, a

³ Mais recentemente, em *The Papacy and Power: Na Anglican View*, IN: Braaten, Carl E. e Jenson R (eds) *Church Unity and the Papal Office*.

⁴ Avis, Paul. *The Anglican Understanding of the Church*. SPCK 2000, p.9

abertura e o fechamento, por exemplo, não podem ser vistos unilateralmente. A que ou a quem está aberto o outro? Para a nossa posição? Ou para conversar mais e ter um conhecimento mútuo mais aprofundado, antes de qualquer ação?

A Igreja peregrina, em sua busca pela identidade, pode manifestar certa patologia como diz Avis. Ele esboça alguns itens, que são relevantes para a autocompreensão da Igreja. Por exemplo, ele vê a identidade difusa ou em vias de dissolução ou desintegração na tendência acentuada na tentativa constante dos puritanos da Igreja da Inglaterra de olhar só para Genebra como único modelo verdadeiro da Reforma no século XVI e dos anglo-católicos, no século XIX, de olhar para a espiritualidade barroca da Itália, (Contra-Reforma). O deslocamento de um consenso já alcançado para um outro modelo, sem um exame cuidadoso, não é salutar. É claro que o consenso não deve ser alcançado alijando os conflitos em nome de concessões fáceis e sem base em estudos.

Hoje, há no anglicanismo uma sutil insinuação de que as circunstâncias atuais exigem fortalecimento da posição do Arcebispo de Cantuária e dos Primazes para poder responder prontamente aos acordos ecumênicos. Se essa tendência vingar, o consenso tenderia a ser sempre alcançado entre uma minoria e poderia deixar para trás a compreensão anglicana da autoridade dispersa e compartilhada e poderia, também, incorrer no enfraquecimento da sinodalidade ou conciliaridade. Tudo isso é uma hipótese, talvez até remota. De qualquer forma, tem havido reações contra essa insinuação em nível provincial e pessoal, isto é, por resoluções sinodais e artigos. Os traços de insalubridade estão no desejo de se deslocar para um outro modelo, alegando as circunstâncias atuais que exigem decisões rápidas, passando por cima de estudos. De qualquer forma, a forja não está morna e essas questões aprofundam o jeito anglicano de entender e viver a Igreja. Dizendo isto, é preciso não se envolver em controvérsias infrutíferas que podem implicar na fuga à Missão, nem fazer da Missão uma fuga à compreensão mais profunda da Missão.

Igreja como sinal visível

Não obstante a diversidade anglicana, é possível e viável expor uma concepção anglicana da Igreja em termos de sinal visível da ação do Trino Deus, à luz da morte e da ressurreição de Jesus Cristo e da vinda do Espírito Santo. Como foi dito acima a Igreja como sinal aponta para o desfecho escatológico – a plenitude da obra de Deus, “quando Deus será tudo em todos” (1Co 15.23). É a dimensão do mistério. Na Coleta conclusiva da Lítania, nas ordenações, a Igreja é denominado de “esse maravilhoso e sagrado mistério”. Com sua visibilidade localizável, a Igreja aponta para a realização do plano da salvação. Os dois sacramentos básicos do Novo Testamento falam nesse sentido. Os credos apontam de modo semelhante para tanto. Diga-se de passagem, que a credibilidade dos Credos está assentada nas Escrituras.⁵

A concretude localizável da comunidade eclesial é bíblica. No pensamento anglicano, as Escrituras são consideradas fontes principais e imprescindíveis da eclesiologia, bem como da teologia em geral. Embora se fale no tripé Escritura-Tradição-Razão, esses três itens não são simétricos. Basta ver o Relatório de

⁵ Ver NORRIS, Richard. Compreender a Fé, Introdução.

Lambeth sobre Dogmática e Pastoral, onde são considerados esses três itens, para se inteirar da primazia, isto é, "da soberana autoridade" das Escrituras, (e, também os artigos históricos dos Trinta e Nove Artigos de Religião). Também, no Quadrilátero Chicago-Lambeth as Escrituras ocupam o primeiro lugar.

Metáforas da Igreja

Ao enraizar a nossa compreensão eclesiológica no Novo Testamento, é preciso levar em consideração a sua narrativa e sua historicidade ou o conjunto do seu caráter histórico, inclusive do contexto cultural e social em que se formaram a narrativa ou narrativas. Em outros termos, não se pode transformar as narrativas em "doutrinas" insuladas de suas raízes bíblicas. Neste sentido é muito relevante o trabalho de Paul S. Minear sobre as "Imagens da Igreja no Novo Testamento". Ele foi um dos que muito contribuiu para a compreensão das figuras da Igreja, na Conferência de Lund do Conselho Mundial de Igrejas (1952). Minear detectou cerca de cem imagens e as agrupou em Povo de Deus, Nova Criação, Comunhão em Fé, Corpo de Cristo e pequenas metáfora como a luz do mundo, sal da terra e a carta de Cristo, por exemplo e considerou o entrelaçamento dessas imagens.

A imagem de "Povo de Deus" nos mostra a dimensão política – cidade, nação, povo. É comunitária, e daí vem a *politia* eclesiástica (governo), associada com o sacerdócio régio, o cordeiro que governa (1 Pe 2.4; Ap 1.6) e, também, a continuidade da Igreja com o antigo Israel reconciliada em Cristo, localizável no tempo e no espaço, em missão, em meio às ambigüidades do seu tempo e delas participando, também. Por isso, não se pode transformar essas imagens ou metáforas da Igreja num princípio abstrato e fazer sua extração para legitimar as formas da Igreja hoje.

O mesmo pode-se dizer da metáfora do Corpo. Basta ler as Cartas aos Coríntios e aos Efésios que são interpretações de comunidades sobre sua convivência, comunhão no Espírito Santo para a missão, em relação ao mundo. Além disso, faz parte das interpretações a diversidade/ Por exemplo, em 1º Coríntios, Cristo é o Corpo que tem muitos membros; em Efésios, Cristo é a cabeça do Corpo. O importante é salientar, de um lado, o caráter humano da Igreja com suas fragilidades, e, de outro lado, a comunhão no Espírito Santo, a nova Criação pela obra reconciliadora de Cristo, enfim, a comunidade escatológica, e peregrina.

Ao enraizar as bases eclesiológicas nas Escrituras, é preciso levar em consideração o desenvolvimento do que se entendeu por Igreja na história dentro do NT e no período pós-neotestamentário. Aqui entra a questão da tradição. A esse respeito, é relevante fazer uma leitura do Relatório de Lambeth 1988. S. Sykes observa que a Comunhão Ortodoxa, em contraste com o anglicanismo, tem uma concepção que exige a totalidade da tradição, o que dificulta o diálogo. Ao passo que o anglicanismo clássico fez adoção de "quinqüi-seculismo", isto é, do que foi aceito unanimemente nos primeiros cinco séculos sem desvio e sem acréscimo.⁶

A autocompreensão anglicana apresenta três modelos ou paradigmas, a partir do século XVI, conforme Paul Avis. Em seu "Anglicanismo e a Igreja

⁶ Foundations of An Anglican Ecclesiology, IN: JOHN, Jeffrey (ed.) Living the Mystery, DLT 1994, série de Affirming Catholicism

Cristã” de 1989, ele fez um estudo extenso e cuidadoso dos três modelos. Em sua recente obra, “Compreensão Anglicana da Igreja”, (SPCK 2000), ele aplica os mesmos três modelos para entender o anglicanismo.

Igreja-Nação

De modo geral, esse modelo diz o seguinte: a nação inglesa sobrepõe à Igreja da Inglaterra. Onde termina a nação termina a Igreja e vice-versa. Em tese, todo cidadão é anglicano. De fato, nos primórdios do século XVI todos eram batizados na Igreja inglesa. Isso acontecia também com outras nações. A Igreja oficial era a do monarca. Esse modelo prevaleceu não só entre os reformadores ingleses, mas foi o pressuposto de Richard Hooker, dos teólogos carolinos, F.D. Maurice e dos integrantes do Movimento de Oxford, isto é, da “alta Igreja”. Nesse paradigma, o monarca foi considerado “supremo governador” da Igreja. Este não definia as doutrinas nem celebrava os sacramentos, mas era ungido na sua coroação como protetor da nação e da Igreja inglesa.

Esse modelo sofreu algumas crises. A primeira foi a revolução de Cromwell. O monarca foi substituído pelo parlamento que transformou-se numa tirania, (1640-60). O anglicanismo foi substituído pelo puritanismo. Os excessos de Cromwell trouxeram de volta monarquia e o episcopado. A Revolução Gloriosa (1688) abortou a restauração católica romana empreendida por Tiago II e instalou Guilherme de Orange. Essa fase e o período seguinte suscitaram pensadores que buscavam a tolerância. Por exemplo, houve William Penn (Quacre), autor de *A Grande Causa da Liberdade da Consciência* (1671), o Bispo Herbert Croft (*A Verdadeira Situação da Igreja Primitiva* 1675) e, antes deles, o Bispo Jeremy Taylor (*Liberdade de Profetizar, Dissuasão do Papado*). Taylor é considerado católico liberal e ressaltou, em *Liberdade...*, a incerteza da interpretação bíblica no que se refere ao que não é necessário para a salvação. Na *Dissuasão*, enfatizou a suficiência e a certeza das Escrituras no que se refere às coisas necessárias para a salvação. Um outro liberal foi o Bispo Edward Stillingfleet, cuja obra procurou a paz entre diversas posições antagônicas. O título de sua obra é *Irenicum*. Nela ele classificou as posições eclesiológicas dos teólogos de sua época: (1) a que defendia que o governo da Igreja é imutável e deve ser assim. Esta é a visão da maioria dos teólogos ingleses após a Reforma, entre eles Cranmer, Whitgift, Hales. (2) os que diferenciavam entre a Fé e Ordem. A forma do ministério pertence à Ordem. (3) Teólogos reformados no Continente europeu que consideravam o presbiterado e o episcopado equivalentes na Igreja Primitiva, sem condenar o episcopado. (4) Teólogos anglicanos que julgaram ser o episcopado a forma primitiva do governo da Igreja, mas que nem por isso deixavam de reconhecer as Igrejas sem o episcopado histórico. A ênfase do reconhecimento estava no que é necessário para a salvação. Com isso, teólogos como Jewel, Hooker, Andrews e outros promoviam o espírito ecumênico e a tolerância. Stillingfleet teve o mesmo espírito. Nem por isso deixaram de lado o desejo de continuar com a tríplice ordem história e sucessão episcopal.

Voltando ao modelo da nação e Igreja, é preciso acrescentar que, com o retorno da monarquia e do episcopado, o Parlamento ⁷com a participação dos bispos veio a ser uma espécie de sínodo equilibrado com as Convocações do Clero em Cantuária e York. À medida que a sociedade inglesa se torna mais pluralista e com a promoção do espírito irênico ou de tolerância, aquele pressuposto da superposição da nação inglesa e da Igreja da Inglaterra não era mais uma realidade, embora muitos ainda pensassem com esse pressuposto. O Parlamento deixou de ser sínodo, porque membros de outras Igrejas já tinham o seu direito ao assento, voz e voto.

O fator importante a ser lembrado é que a tendência da Igreja da Inglaterra nesse período foi a identificação com o partido conservador Tory, devido à associação da restauração da monarquia com o episcopado. Outro fator importante foi a promoção de ideais liberais, e da tolerância religiosa e civil, mesma da parte dos partidários da monarquia.

Hoje a relação entre a Igreja e Estado é mais simbólica. Os eventos nacionais simbólicos (coroação, funeral oficial, festas nacionais e municipais) ocorrem sob a presidência de ministros anglicanos, mas com participação ecumênica. A Câmara Alta já têm gente de outras Igreja e Religiões, embora haja uma quota reservada para os bispos anglicanos.

Tudo isto, no que se refere ao anglicanismo, limita-se exclusivamente à Igreja da Inglaterra. Por exemplo, a ECUSA surgiu como parte da comunhão com a Igreja da Inglaterra, sem a conexão com o Estado. O seu primeiro bispo foi ordenado e sagrado na Escócia. As propriedades registradas em nome da Igreja da Inglaterra foram confiscadas e transformadas em fundações sem vinculação com uma determinada denominação religiosa.

Há alguma coisa que as Igrejas da Comunhão Anglicana herdaram da Igreja de Inglaterra que deve ser observado. Trata-se do senso de que, em meio à sociedade pluralista, elas existem para todos da região ou da nação e estão em comunhão umas com outras que são, também, para todos. Basta ler um pouco as Intercessões, a Litania (mais usada nas Ordenações e na Instituição de Novo Ministério ou Instalação de Ministros) a Oração por Toda a Humanidade e a Intercessão pelos Três poderes para perceber que a Igreja é para todos, sem deixar de ser profética, sem se subordinar ao Estado. Exemplo representativo disso foi a posição tomada pelo atual Arcebispo de Cantuária Rowan Williams e pelo Primaz da ECUSA, Bispo Frank T. Griswold, respectivamente, em relação à guerra dos EUA e Grã-Bretanha contra o Iraque e o enfraquecimento dos direitos humanos e civis. Em síntese, é o senso da universalidade do Evangelho, da Missão, enfim, da Igreja com concretude e visibilidade local. Diga-se de passagem que a "Igreja local", para o anglicanismo é a diocese, que, por sua vez, está em comunhão com outras Igrejas locais dentro de uma Província.

Há certa nuance no uso do termo "local". Este modelo e outros que vamos tratar não estão imunes da ambigüidade, pois os modelos são tentativas de entender a Igreja peregrina que serve ao Deus Trino, na história.

⁷ Paul Avis apresenta excertos de vários teólogos, em *Anglicanism and the Christian Church*

O segundo modelo para entender o anglicanismo é o que Paul Avis denomina de "sucessão episcopal". É preciso dizer, de início, que os modelos coexistiram e coexistem, na Inglaterra, como também o outro modelo a ser tratado - o paradigma batismal, muito estudado e divulgado hoje e que coexiste com o modelo da sucessão episcopal. A passagem de um modelo a outro implicou em determinada mudança, porém com continuidade, ou seja, adaptação com equivalência. Como foi dito no início, a construção de modelos visa à compreensão melhor da eclesiologia em voga num determinado período. Por outro lado, muita coisa fica na periferia do modelo. É mérito de Paul Avis ter cavado e trazido à tona as obras daqueles que pensavam da Igreja um tanto diferente das "estrelas" que brilhavam na época.

Sucessão Episcopal

O modelo de sucessão episcopal ou sucessão apostólica é, geralmente, atribuído aos anglo-católicos do Movimento de Oxford. No entanto, os estudiosos demonstram que esse paradigma coexistia com o de nação-igreja. Em torno de William Laud, o episcopado ganha saliência na configuração eclesial. Ele foi Arcebispo de Cantuária (1663-1640) antes da Restauração (1660). Em torno dele houve, também, o movimento da "beleza da santidade" na adoração. Há indicações de que Laud, em parte, não foi bem compreendido, por ter apoiado um rei despótico (Carlos II) e cair com ele. Também foi combatido pela ala puritana, por ele ter sinalizado uma apreciação do teólogo holandês, Armínio. Por outro lado, ele foi tachado de romanista, quando, na verdade, sua primeira aparição pública foi um debate com o Jesuíta Fisher, em torno dos fundamentais da fé cristã. Ele destacou como fundamental o Credo e não tudo que a Igreja tem definido através dos séculos.⁸ Com o rei despótico ele quis impor o Livro de Oração Comum aos presbiterianos escoceses. Nessa guerra, houve um levante católico romano, na Irlanda e Oliver Cromwell com o apoio dos Independentes (Batista, Congregacionais e outros) insatisfeitos com os presbiterianos toma conta do Parlamento. Em síntese, em torno de William Laud surge a ênfase institucional sacramental, a liturgia mais inclinada para a estética, e a valorização do episcopado. Enfim, a Alta Igreja (High Church).

Após a Restauração, com os laudianos, carolinos (católicos liberais) como L. Andrewes, Jeremy Taylor, Bramhal) e anglicanos liberais, (Círculo de Tew, radicado na universidade de Cambridge), o episcopado recebe destaque pelas suas considerações, em relação com as Igrejas não episcopais e até em torno de sua forma de exercício.

Três pontos podem resumir as considerações da época sobre a sucessão episcopal ou apostólica. (1) O tríplice ministério será mantido. (2) As marcas da Igreja no Credo: santa, católica e apostólica são reconhecidas nas Igrejas da Reforma no Continente Europeu onde foi rompido o episcopado histórico. (3) Interesse pela forma de exercício do episcopado (Bispo em Concílio por parte de alguns).

A ênfase na manutenção do tríplice ministério surgiu diante dos ataques da parte dos presbiterianos e dos católicos romanos. Jeremy Taylor foi quem deu

⁸ Sykes, S. em *The Study of Anglicanism*, pp.237ss. (edição antiga)

maior ênfase ao episcopado dentro dos limites do conhecimento. Diz ele, "embora não tenhamos provado a instituição divina do poder episcopal sobre os presbíteros e sobre todo o rebanho, todavia o episcopado não é menos que a ordenança apostólica e é entregue com a mesma autoridade da observância do Dia do Senhor... Portanto, é razoável que o episcopado seja contado entre as credenda da Fé Cristã".⁹

Os itens (1) e (2) podem ser resumidos com uma citação de Richard Hooker, no Livro VII das *Leis da Política Eclesiástica*:

Sendo toda a Igreja visível o verdadeiro sujeito original de todo o poder, não tem ordinariamente permitido a ninguém, exceto aos bispos, ordenar. Seja como for, como o andamento ordinário deve ser observado ordinariamente em todas as coisas, assim pode ser desnecessário, em alguns casos, que nos desviemos dos caminhos ordinários, (vol. VII, cap. XIV, #11).

Por outro lado, as pessoas podem ser admitidas extraordinariamente às funções espirituais da Igreja, "quando a exigência da necessidade obriga deixar de lado os caminhos usuais da Igreja que, de outra forma, desejamos de boa vontade observar. Onde a Igreja necessita alguns ministros ordenados e nem tem e possivelmente não podem ter o bispo para ordenar, em caso de tal necessidade a instituição ordinária de Deus tem sido, muitas vezes, substituída e pode ser substituída."

James Usher, professor de teologia e, posteriormente, Arcebispo de Armagh, na Irlanda, procurou incluir as reivindicações dos presbiterianos de ter presbíteros no concílio sob a presidência do bispo. Essa forma de governo episcopal estaria muito perto do que chamamos hoje "bispo em concílio". Aconteceu, no entanto, que Hammond, Thorndike e outros queriam um bispo mais fortalecido. Na época, foram descobertos os manuscritos de Inácio de Antioquia, em que episcopado monárquico é contemplado. Por isso, a inclinação manifestada por Usher não vingou na Inglaterra, mas fora da Inglaterra veio a ter importância em termos de governo conciliar ou sinódico, a nossa forma do exercício do episcopado.¹⁰ Tudo indica que Usher visava a reconciliação com os presbiterianos e seguir o caminho da via media e da inclusividade. Sua inclinação calvinista não o impediu de incluir a Igreja Católica Romana dentro da Igreja Católica bem como as Igrejas da Reforma. A crítica foi dirigida à reivindicação papal do governo universal. Não se contentando em ser um ramo da Igreja católica, a qual é a "mãe de todos nós" ela, a Igreja Católica Romana, pretende ser a raiz e toda a Igreja de Cristo, confinando-a em si mesma. É preciso destacar essa distinção: uma coisa é o reconhecimento de que é uma Igreja católica outra é a rejeição de querer ser toda a Igreja. E, no que se refere às Igrejas Reformadas, a sua observação sobre a Igreja Reformada na Holanda, é a de que essa também apresenta defeitos, pois não estando mais sob o domínio político papal, não haveria desculpa para deixar de buscar o episcopado histórico. Isso expressa o outro lado da via média. Usher diz:

⁹ Citado por Norman Sykes, em *Old Priest and New Presbyter*, p.68

¹⁰ Ver Henry Chadwick e Richard Norris, respectivamente, *Tradição, Pais e Concílios e Episcopado*, em *Study of Anglicanism* editado por J.Booty e S.Sykes.

Para o testemunho da minha comunhão com estas Igrejas (as quais amo e honro como partes verdadeiras da Igreja Universal) professo que, com a mesma afeição, devo receber a comunhão das mãos dos ministros da Igreja holandesa, se eu estivesse na Holanda, e dos franceses, se eu lá estivesse.¹¹

Semelhante conselho L. Andrewes deu aos anglicanos na França. A base da comunhão está na confissão e unidade batismal. O mesmo conselho pastoral foi dado pela Conferência de Lambeth 1968.

Essa via média, e o consenso anglicano até o surgimento do Movimento de Oxford podem ser resumidos na seguinte citação extraída de Paul Avis:

O anglicanismo teve vários inimigos externos: papistas e puritanos eram ameaça constante para a Igreja e o Estado. O anglicanismo mostrou consenso de opinião quanto ao caráter da Igreja da Inglaterra – embora não devamos nos esquecer de que esse consenso foi alcançado com o preço da saída dos clérigos puritanos após a Restauração. Ela era a uma Igreja católica, cujas raízes remontavam ao começo da era cristã. Antes de Agostinho de Cantuária e sua missão romana havia uma Igreja celta bastante vigorosa. Antes disso, José de Arimatéia ou o apóstolo Paulo trouxeram o cristianismo a estas ilhas. Ela era uma Igreja reformada, a qual, juntamente com suas Igrejas irmãs da Reforma (luteranas e reformadas), representou o princípio protestante da justificação pela graça através da fé, a autoridade suprema das Escrituras, e a liturgia no vernáculo. Ela era uma Igreja nacional, que considerava uma pessoa leiga como seu governador supremo para defender seus direitos contra a jurisdição externa e sua paz contra as facções internas.¹²

Esse governador não tem direito sobre a direção espiritual e o ministério sacramental. A tradução disso e sua equivalência para outras Igrejas da Comunhão, que não têm a mesma história, são a participação leiga no governo da Igreja

O Movimento de Oxford e ênfase do episcopado dissonante

Certamente o movimento teve forte impacto na vida religiosa da Inglaterra e em outras partes da Comunhão Anglicana. Foi um movimento de coração como foi o Movimento Evangélico e não da mente, é o que defende Owen Chadwick em sua obra, *The Spirit of the Oxford Movement*. Sua contribuição foi mais na área das leis de adoração e não tanto das leis do crer. Por outro lado, inicialmente,

¹¹ Citado por Paul Avis, *Anglicanism and the Christian Church*, p.86

¹² Paul Avis, *op.cit.*, p.p. 86-87

eles eram modestos, para não dizer pobres, naquilo que poderia ser denominado de ornamentos, cores, enfim, da estética litúrgica. Outro movimento da época, a Sociedade Camdem, conhecida como "eclesiologista" era até exuberante nessa matéria de estética e arquitetura eclesiásticas. Posteriormente, a causa dos "eclesiologistas" foi encampada pelo Movimento de Oxford e esse veio a ser lembrado como um movimento litúrgico, sendo a Sociedade Camdem, esquecida.

Outro fator importante a ser observado é que havia cansaço generalizado quanto ao Iluminismo, a religião da razão, a religião da explicação – a transformação da assembléia litúrgica em sala de aulas, onde o Ministério da Palavra em termos de argumentação racional era desproporcionalmente maior que a liturgia como um todo. Ao lado disso, havia temores das conseqüências da Revolução Francesa, do uso crítico da razão contra o que se considerava como estabelecido. Era o início do método histórico-crítico aplicado às Escrituras e aos documentos da tradição. Nessa época que o Bispo Colenso, (da Diocese de Natal, na África do Sul), foi deposto por aceitar os métodos críticos. F.D.Maurice também foi duramente perseguido pela "coligação" entre membros do Movimento de Oxford e evangélicos extremados por ter feito crítica às penas do inferno e a alguma parte da soteriologia, em seus *Ensaio Teológicos*.

O Movimento de Oxford fazia parte dessa reação contra o Iluminismo e a valorização da tradição. Seus líderes buscaram e criaram o espaço para a contemplação estética, poesias e a hinódia. Nisto eles tiveram uma contribuição muito importante.

No que se refere ao episcopado histórico e à via media anglicana, os integrantes do Movimento procuraram romper com o consenso anglicano a seu respeito. Fala-se que eles representaram a voz profética no tempo. A supressão de algumas dioceses na Irlanda motivou o panfleto de Keble (foram denominados de Tractarians, panfletários, porque escreviam panfletos, costume da época). Ele pregou contra a apostasia nacional e essa apostasia, na visão deles, tem muito a ver com o liberalismo, em contraste com o conservadorismo. Em relação ao Estado, a crítica se dirigiu contra o parlamento Whig (liberal. A "apostasia" consistia no liberalismo que tomou conta do Estado e da Igreja, que deixava ser conduzida pelo parlamento onde era dado assento, voz e voto, a membros outros que os da Igreja da Inglaterra. A redução do número de dioceses na Irlanda foi o pivô. Pelo simpósio organizado por Rowan Williams e Kenneth Leech em 1983 e publicado sob o título de *Ensaio Católicos e Radicais*, John Keble e outros do movimento não perceberam a mudança da sociedade inglesa para uma sociedade mais pluralista e secular e não tiveram o senso da justiça política, principalmente, no que se refere o sustento dos bispados anglicanos na Irlanda pela população católica, presbiteriana e outras. Na verdade, a Igreja estava acomodada, quando, na verdade, deveria ter proposto a redução do número dos bispados. De fato, estavam trabalhando com o mesmo pressuposto da Igreja-Nação, quando, na verdade, a nação já era pluralista. Há críticas nesses ensaios de que o movimento era elitista, visando mais uma espécie de retorno ao "templo sagrado". O movimento entre os pobres foi mais daqueles que fundaram o "socialismo cristão" ligado ao nome de F. D. Maurice,

embora houvesse como R. I. Wilberforce e Pusey que procuraram trabalhar nas favelas.¹³

Como foi dito acima, a noção do episcopado e da sucessão apostólica simplesmente centrada nos bispos, não incluindo a apostolicidade da Igreja, do Evangelho, da Missão e do ensino, resultou na exclusão da visão ecumênica quanto às Igrejas não-episcopais. A noção de via-média, nesse caso, tendeu mais para a "via-romana" (expressão de Hans Kung). O seu dogmatismo também dificultou a acolhida da crítica bíblica e histórica na teologia, embora C. Gore mostrasse uma tímida acolhida. Hoje, a prática da ordenação feminina em várias Igrejas da Comunhão, e o acordo de uma espécie de plena comunhão com as Igrejas Luteranas nas Ilhas Britânicas e na América do Norte, indicam suficientemente que há uma espécie de consenso anglicano equivalente ao do século XVIII, livre de dogmatismos e capaz de acolher a diversidade, equilibrando a continuidade e a adaptação, a equivalência e criatividade.

Paradigma batismal

Por volta de 1983 começa despontar no anglicanismo a questão sobre a eclesiologia batismal, por exemplo, em Massey Shepherd e a Sociedade de Paróquias Associadas, o movimento litúrgico nos Estados Unidos e o novo Livro de Oração Comum que expressa essa eclesiologia. Em 1997, a Consulta Internacional Anglicana de Liturgia sobre Ordens e Ordenação fala explicitamente numa eclesiologia batismal. A Conferência de Lambeth 68 expressa o seu desejo de que a unidade dada por Deus no Batismo encontre sua realização e unidade na Eucaristia. O documento BEM se refere à unidade batismal. É mérito do trabalho de Paul Avis cavar os traços do modelo batismal de Richard Hooker a F.D. Maurice.¹⁴

O modelo batismal é uma eclesiologia de comunhão (comunidade) por meio do Batismo, com ênfase na participação leiga e procura ser menos hierárquica. Nessa concepção, o ministério ordenado está em função do ministério de todo o povo de Deus. Essa comunhão (comunidade) é para todos, porque isso não está fundamentalmente na vontade da Igreja, mas no plano de Deus, do seu Evangelho, e do Cristo, que toma em consideração o todo da pessoa e toda a humanidade. A apostolicidade está na Igreja, no seu ensino e prática, e não exclusivamente na sucessão dos ministros ordenados. Como foi para R. Hooker, o que faz pessoa cristã e a Igreja cristã é o Batismo. Sob essa perspectiva, o Batismo com a Aliança Batismal, contem as indicações e coordenadas para a missão profética fazendo uma ponte a todos quantos anseiam e lutam pela dignidade humana e pelos direitos humanos.

+Sumio Takatsu
Setembro de 2002

¹³ Presbiterado e a Profecia, de John Orens, Movimento de Oxford: um caso de distorção cultural? De Valerie Pitt, em Ensaios Católicos e Radicais

¹⁴ Christians in Communion, pp.31-35 representa uma espécie de resumo de Anglicanism and Christian Church.